

TORNANDO-SE O QUE SE COME: UMA LEITURA ECOGÓTICA DE *A VEGETARIANA*, DE HAN KANG

Ana Clara Santos Barboza

Universidade Federal de Alfenas

(ana.cs.barboza@hotmail.com)

Resumo

Neste artigo, propomos uma leitura ecogótica do romance *A vegetariana* (2018), da escritora sul-coreana Han Kang. O romance narra a história de Yeonhye que, a partir de sua decisão de se tornar vegetariana, vê sua vida transformada em um grotesco pesadelo enquanto tenta se desvencilhar de ciclos de violência ambientais e patriarcais. Nos baseando na interseção entre a tradição gótica e as teorias ecocríticas, intentamos uma análise e uma interpretação que parte de como a incorporação do não humano pela protagonista procede da retomada de uma consciência sobre a violência humana cotidiana contra outros seres. Suas mudanças psíquicas e físicas diante do sentimento de impossibilidade de uma vivência livre de sofrimentos desencadeia, nos que a rodeiam, reações de brutais tentativas de controle sobre o seu corpo. Também buscamos examinar a antagonização da personagem e como esse processo está associado à sua ligação empática com a natureza.

Palavras-chave: *A vegetariana*; Han Kang; Ecogótico; Ecocrítica.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Ana Clara Santos Barboza

Bacharela em Letras – Línguas Estrangeiras (Inglês e Espanhol) pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e pós-graduanda em Edição de Textos pela NESPE. Desenvolve pesquisas nas áreas de literatura, ecofeminismo, ecogótico e estudos feministas, com trabalhos voltados às representações de gênero, memória e natureza na literatura contemporânea. Participou de projetos de pesquisa e extensão, e foi tradutora do projeto de tradução da autora Emilia Pardo Bazán. Atualmente trabalha com educação bilíngue, revisão de materiais didáticos e pesquisa em literatura.



lattes.cnpq.br/5302762641891040



orcid.org/0009-0005-4875-8755

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

TORNANDO-SE O QUE SE COME: UMA LEITURA ECOGÓTICA DE *A VEGETARIANA*, DE HAN KANG

Ana Clara Santos Barboza

Universidade Federal de Alfenas

(ana.cs.barboza@hotmail.com)

Considerações iniciais

“Gritos e choros se sobrepõem e ficam encravados aqui. É por causa da carne. Comi carne demais. Todas essas vidas estão entaladas aqui.”

— HAN KANG

A crescente crise ecológica das últimas décadas traz à tona discussões sobre o contraditório e exploratório vínculo humano com/sobre a natureza. A agressividade e descaso desprendidos contra o meio que nos mantém vivos demonstram a visão de superioridade e centralidade do homem, e levanta o questionamento: é humanamente possível viver sem essa violência? Essa proposta de leitura do romance *A vegetariana*, de Han Kang, se vale dessa indagação para analisar a representação da ansiedade cultural nas relações entre humano e natureza (não humano). Para tanto, nos valeremos da corrente crítica, ainda pouco estudada no país, que explora os lados obscuros desse elo fundamental que mantemos com o mundo natural: o ecogótico — em tradução livre —, uma vertente interdisciplinar entre os estudos ecocríticos e os elementos da tradição gótica. Dos principais aspectos da crítica que corroboram a presente pesquisa, destacam-se as análises do controle violento do homem sobre o meio ambiente, a natureza em crise personificada como um agente monstruoso e, por conseguinte, a aversão e o medo diante do ecológico e do natural.

Assim, o principal argumento de nossa leitura é o da impossibilidade de viver em um mundo sem violência. Entendemos que, no romance, a violência se origina e se faz presente em todos os aspectos relacionais que dizem respeito ao natural, com foco nas relações alimentares, donde nossa hipótese seja a de que a única forma de a protagonista Yeonghye escapar desse arranjo consiste em sua conversão em planta. Em uma retomada da máxima “você é o que você come”, num primeiro momento, é possível perceber que ela

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

intenta colocar-se no lugar dos animais que sofrem no processo de produção da carne, o que nos leva a mobilizar os horrores vegetarianos como uma ramificação do ecogótico. E é do fato de ela não conseguir se livrar da sensação de violência do processo que irrompe um novo desejo de sua parte, o de ficar no lugar das plantas — as substitutas da carne — já que estas se distinguem por sua liberdade pacífica, porém, impõem medo devido à sua incontrollabilidade. Procuraremos evidenciar, ao longo de nosso percurso, como todo esse processo é obscuro e brutal. Também está compreendido entre nossos propósitos o exame das relações do controle, sobretudo no que diz respeito às atitudes dos familiares para com Yeonghye, assim como o das constantes e variáveis na relação violência-natureza-mulher.

O romance *A vegetariana* foi publicado primeiramente em 2007, na Coréia do Sul, e sua tradução para o inglês rendeu a sua autora Han Kang e à tradutora Deborah Smith o prêmio *Man Booker International Prize*, em 2016, se tornando o primeiro romance em língua coreana a ser agraciado por tal. A autora demonstra uma grande notoriedade na internacionalização da literatura coreana e ganhou mais destaque a partir dessa primeira tradução de *A vegetariana*, que posteriormente foi traduzido para diversas línguas, incluindo o português. Em 2024, Han Kang foi a vencedora do prêmio Nobel de Literatura, de acordo com a academia sueca, a autora foi escolhida por sua “prosa poética intensa que confronta traumas históricos e expõe a fragilidade da vida humana”.

Levando esses temas em consideração, apresentemos o romance. A narrativa explora, em três pontos de vista de diferentes personagens, o desenrolar de uma decisão: Yeonghye se torna vegetariana. A protagonista passa a se alimentar apenas de vegetais em uma reação contra a violência, tanto a animal, que experiencia a partir de seus sonhos, quanto pessoal, a saber, a que ela mesma vivencia em uma família e sociedade altamente sexistas e tradicionais. Há poucos momentos de voz ativa da personagem, já que as mencionadas perspectivas são de seus familiares, e esses sonhos compreendem um desses momentos. Assim, ela é transformada e vista como a antagonista da própria história. À medida que os relatos sobre a personagem se desenrolam, observamos que a sua resistência contra a agressividade e sua grande empatia para com os animais a leva a um extremo devir vegetal. Enquanto essa transformação vegetal toma metaforicamente a sua mente, Yeonghye tem seu corpo tomado como um palco de batalhas internas e externas.

De acordo com Han Kang, em entrevista para a revista *Veja* em 2018, o romance é uma retomada de um de seus contos, intitulado “The fruit of my woman”, em que a esposa se transforma, literalmente, em uma árvore e é cuidada por seu marido. Em ambos os textos, vemos que a antagonização das protagonistas as conecta fortemente com a natureza, além de transformá-las em seres monstruosos (monstros vegetais) aos olhos da sociedade que as

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

rodeia. Essa interconexão entre as mulheres e a natureza é comumente lida pela crítica ecofeminista, uma ramificação da ecocrítica, em que a misoginia e a exploração ambiental são entendidas como um resultado do patriarcado. A leitura é possível nas duas narrativas, mas com atitudes diferentes, pois, em “The fruit of my woman”, vemos a forte conexão entre a mulher e a natureza, enquanto em *A vegetariana* temos a vinculação entre a violência ambiental e a violência patriarcal.

Já as leituras mais importantes para o presente artigo amparam-se nas possibilidades góticas que vão ao encontro do ecológico, ou seja, ecogóticas. Aqui, o gótico tem o papel subversivo de desvelar os traumas sociais da violência ambiental e colocar o não humano como algo passível de ódio e de exploração, em meio a acontecimentos sinistros que envolvem um ambiente em crise. Assim, para além das leituras ecofeministas da obra, podemos demonstrar a inquietação humana diante da natureza mediante elementos góticos, o que respalda a premissa da impossibilidade de viver em um mundo sem violência.

Breve incursão histórico-contextual e teórico-metodológica pelo (eco)gótico

A “ecocrítica” surgiu nos meados da década de 1990 com o objetivo de analisar as interconexões entre a natureza e as manifestações culturais. Trata-se de uma corrente crítica interdisciplinar que se interessa, principalmente, pelos recursos linguísticos e artísticos empregados na representação da natureza e das atitudes socioculturais perante ela. Parte-se do princípio de que todos os seres humanos apenas sobrevivem devido à presença do mundo natural e que a literatura, assim como todos os outros meios artísticos e culturais, não se encontra acima do mundo material. Outra premissa é a importância de se tratar do meio ambiente em todas suas instâncias, dada a grave crise ambiental que se desenvolve(u) nas últimas décadas. Essa crise reflete a crença cultural de que a única forma de se viver no planeta é por meio da exploração e devastação e da superioridade humana sobre o meio ambiente, ao invés da vivência simbiótica e da cooperação mútua entre humano e natureza.

Esse paradoxo cultural, como apontado por Slovic (2015), resume-se na compreensão da necessidade profunda da natureza para a sobrevivência, ao mesmo tempo em que os seres humanos agem como se fossem livres dos agravantes físicos. Assim, há uma tendência cultural de enxergar a natureza como um objeto que existe para ser economicamente explorado e destruído. A esse antagonismo empregado ao mundo natural ou não humano, Estok (2009) deu o nome, aqui com tradução livre, de ecofobia. O termo é usado para definir a ansiedade e medo culturais diante do mundo natural e/ou diante do ecológico e diz da relutância humana de encarar sua falta de controle sobre a natureza, enxergando-a como uma ameaça.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Já em 2013, surge o termo “ecogótico”, com a coleção editada por Andrew Smith e William Hughes: *Ecogothic*. No geral, o termo diz da intersecção entre a tradição gótica e a crítica ecológica, é uma ramificação da corrente ecocrítica e uma lente crítica do Gótico, em que as representações literárias das interações humano-natureza ganham aspectos perturbadores e inquietantes. O imaginário ecofóbico é intrínseco às manifestações ecogóticas. Ainda de acordo com Estok (2019), o ecogótico aprofunda-se na compreensão da centralidade da monstruosidade no imaginário ambiental — até mesmo social, levando-se em conta que todas as vidas estão conectadas — e na problemática do controle humano excessivo.

Tais aspectos da corrente crítica serão mobilizados para nos ajudar a entender a relação entre Yeonghye e seus familiares. Nessa leitura, Yeonghye representa o meio natural em crise, despertando nos outros a aversão, o medo e a necessidade de controle excessivos, ou seja, ela é vista como um monstro aquém da sociedade. Isso também pode ser explicado pelas suas ações subversivas ao que é considerado seu papel social e, principalmente, ao que é relacionado aos seus posicionamentos diante da violência ambiental.

Indo mais além, e corroborando a leitura proposta anteriormente, Sharae Deckard (2019) explica que o ecogótico centra-se na agência ativa da natureza, a qual, geralmente, passa a ser um personagem na narrativa e é frequentemente incorporada em forma de espírito. No caso do romance, essa corporificação é feita a partir do desejo da protagonista de se colocar no lugar da natureza. Isso se dá de maneira oposta às narrativas góticas tradicionais, em que a natureza é um pano de fundo para as projeções de medo. Essa abordagem confere à natureza uma presença tangível e uma influência direta sobre os eventos do enredo (Deckard, 2019). A natureza também pode ser retratada como uma aliada ou como uma forma de resistência à violência e à própria destruição. Essa capacidade de a natureza se tornar um personagem central em uma narrativa, ou vice-versa, permite que a literatura ecogótica explore as interações complexas entre a humanidade e o mundo não humano, bem como as consequências das ações humanas sobre a natureza.

O ecogótico, assim como todas as ramificações do gótico, questiona por meio de sua temática outras estruturas socioculturais, ao sugerir uma leitura das hierarquias de poder, que nas vinculações entre humanos e não humanos é completamente antropocêntrica. Segundo Deckard:

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

O 'Ecogótico' proveniente de tradições culturais fora da Euro-América pode ajudar a demonstrar como as relações socioecológicas estão inextricavelmente ligadas a hierarquias de raça, classe, gênero e ideias de alteridade natural, mas também como as experiências culturais de catástrofes ambientais em outras nações se intersectam com contextos geopolíticos mais amplos, como o imperialismo.¹ (2019, p. 175, tradução nossa)

No romance, a visão ecogótica nos permite questionar também temas relacionados a gênero, dados os valores altamente patriarcais da sociedade sul-coreana. Esses dogmas são parte da violência empregada contra a protagonista ao subverter os princípios que regem os que a rodeiam. A autora ainda propõe mais uma característica que é usada para distinguir o ecogótico de sua premissa gótica, que é a desvelação de um "inconsciente ecológico", que procede o retorno dos traumas, tão característico da tradição gótica. De acordo com a autora:

Se o gótico é frequentemente entendido às voltas de um 'retorno do reprimido' ou como uma revelação as verdades sociais enterradas de um 'inconsciente político', o ecogótico gira em torno da manifestação inquietante do 'inconsciente ambiental', particularmente aquelas formas de violência ou crise ambiental que foram ocultadas. Se essa revelação é motivo de medo ou de triunfo, retratando o retorno do reprimido como um confronto horrífico ou como uma recuperação resistente, é uma questão da política do texto². (Deckard, 2019, p. 1, tradução nossa)

No romance, temos os dois motivos: a princípio, o medo domina o inconsciente ambiental da protagonista, porém, ao final, a personagem já enxerga essa revelação como a única saída para lidar com a consciência da presença constante da violência.

Ao propor uma leitura ecogótica de *A vegetariana*, este estudo se vale das teorizações emergentes dessa lente crítica como pontos de partida para a reflexão sobre o vínculo sociocultural entre humano e natureza, nos pautando nos aspectos da violência, medo e controle presentes não apenas nas relações com os comportamentos de consumo alimentar e cotidiano social. Como conceito recente, o ecogótico abriga propriedades e percepções ainda em questionamento que, porém, mantém a pauta do elo de poder ambivalente da ação humana sobre o meio ambiente. Sob esse prisma, a análise aponta os horrores, violência, aversões e controle que sustentam essa interação a partir da natureza subversiva da protagonista do romance.

¹ No original: "Ecogothic' from cultural traditions outside of Euro-America can help reveal how socio-ecological relations are inextricably bound up with hierarchies of race, class, gender and ideas of natural alterity, but also how the cultural experiences of environmental catastrophe in other nations intersect with wider geopolitical contexts such as imperialism."

² No original: "If gothic is understood as often turning around a 'return of the repressed' or as revealing the buried social truths of a 'political unconscious', ecogothic turns around the uncanny manifestation of the 'environmental unconscious', particularly those forms of environmental violence or crisis that have been occulted. Whether this revelation is a cause for fear or for triumph, depicting the return of the repressed as a horrifying confrontation or as a resistant recuperation, is a question of the politics of the text."

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Entre o humano e o não humano*“Carne. Seu corpo cheira a carne.”*

— HAN KANG

O primeiro capítulo da obra, “A vegetariana”, é narrado em primeira pessoa pelo marido de Yeonghye, Mr. Cheong, e conta sobre a decisão da protagonista de deixar de se alimentar de qualquer coisa que tenha origem animal. Packham (2019) investiga como o vegetarianismo de Yeonghye é uma afronta aos valores patriarcais, sua decisão desafia as noções tradicionais de feminilidade e papel de gênero, já que cabe às mulheres na sociedade coreana preparar e servir alimentos, muitas vezes à base de carne. A sociedade coreana é altamente patriarcal e carnista, correlação essa que podemos perceber nos relatos do marido ao colocar a forma como Yeonghye cozinha e come carne como aspectos atrativos em uma esposa: “Esse foi um dos fatores que me agradaram especialmente: ela virava a costela na chapa com facilidade e dava gosto de vê-la cortar a carne com jeito, segurando o pegador com uma mão e a tesoura grande com a outra” (Kang, 2018, p. 19).

Uma revisitação à tradição gótica é capaz de nos mostrar como a linguagem do consumo de carne foi trabalhada de modo aterrorizante pela literatura:

Questões envolvendo o consumo de carne e sangue, humano ou não, têm tido uma consanguinidade frutífera em narrativas de horror desde *Frankenstein*: em romances como *Drácula* (1897) ou *Sob a Pele* (2000), no cinema de zumbis ou no boom italiano da exploração canibal dos anos 1980, atos de consumo são um teste de Litmus para os limites éticos e ontológicos do humano, ou para a exploração da perspectiva do humano-como-animal (e, portanto, implicitamente, do humano-como-carne)³. (Packham, 2019, p. 81, tradução nossa)

Tais limites éticos são testados, em um primeiro momento, nos sonhos sangrentos da protagonista. Neles, há a presença de imagens grotescas e bárbaras de violência sem distinção entre o assassino e a vítima, além de mostrar o consumo da carne como algo asqueroso e, por vezes, canibalístico. Como podemos ver em alguns exemplos a seguir:

³ No original: “Questions surrounding the consumption of flesh and blood, human or otherwise, have had a fruitful consanguinity in horror narratives since *Frankenstein*: in novels like *Dracula* (1897) or *Under the Skin* (2000), in zombie cinema or the Italian cannibal-sploitation boom of the 1980s, acts of consumption are a litmus test for the ethical and ontological limits of the human, or for the exploration of the prospect of the human-as-animal (and therefore, implicitly, of the human-as-meat).”

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

[...] Centenas de pedaços de carne, uns pedaços enormes, estavam pendurados em sarrafos. [...] De alguns deles pingavam gotas de sangue vermelho ainda fresco. Minha roupa estava manchada de sangue. [...] Eu tinha esfregado sangue vermelho da carne crua e mole na gengiva e no céu da boca. O reflexo dos meus olhos estava brilhando na poça de sangue no chão do celeiro. (Kang, 2018, pp. 16-17)

Alguém matou uma pessoa e outro alguém escondeu o corpo, sem deixar rastros. [...] Fui eu que cometi o crime? Ou fui eu a vítima? [...] O assassinato foi cometido com um golpe na cabeça, com uma pá bem grande, a mesma usada para cavar a terra. Um estrondo pesado e surdo. Senti a vibração no ar no instante em que o ferro atingiu o crânio. (Kang, 2018, p. 31)

Esses pesadelos, que precedem e sustentam sua decisão, são uma forma de eliminar a fronteira entre o humano e o não humano. O consumo da carne e a violência animal se voltam para o animal humano, “humano-como-carne”, em uma tomada empática tão profunda que não há separação entre as partes (Packham, 2019). As cenas que provam esse argumento ecogótico descrevem a protagonista como presa-predadora. Em alguns momentos, a sensação é descrita pela personagem como: “[...] horripilante, nojenta, terrível e cruel. Como se eu tivesse matado alguém. Ou como se alguém tivesse me matado” (Kang, 2018, p. 32); em outros, percebemos que há um desejo fisiológico de comer a carne, como em: “[...] sinto a saliva se acumular na boca. Quando passo na frente de açougue tenho que tapar a boca com as mãos por causa da saliva [...]” (Kang, 2018, p. 36). Nessa última citação, percebemos que essas sensações ultrapassam os sonhos, assim como quando ela diz que seu marido tem cheiro de carne, mesmo depois de um banho, o que levanta o questionamento: esse cheiro vindo de seu marido denota desejo ou aversão?

A personagem começa a ser socialmente excluída e silenciada. Todos ao seu redor reforçam e impõem a importância de se comer carne e questionam sua decisão enquanto a personagem torna-se cada vez mais calada e presa dentro de sua própria natureza brutal, associando-a a uma monstruosidade. Além disso, os familiares se preocupam mais ainda com como essa decisão afeta seu marido, chegando a se desculparem com ele pelo comportamento dela, aumentando a antagonização da personagem e sua marginalização.

Os relatos passam, então, a envolver a violência empregada pelo pai de Yeonghye, veterano da guerra do Vietnã, personagem cujo enfurecimento descrito como autoritário representa a mencionada sociedade patriarcal e carnista sul-coreana. Em um jantar de família, ele demonstra toda sua potência misógina ao tentar impetuosamente forçar carne na filha, que se recusa mortalmente. Fica atestado que essa angústia em relação à violência do pai vem de sua infância. Quando pequena, a protagonista é mordida por um cachorro, então seu pai o tortura e o mata na frente da filha, e Yeonghye deve comer a carne do cachorro, já que, de acordo com sua família, é uma forma de se curar dos ferimentos.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A crise ética aumenta a cada relato de violência ao passo que afina a camada que separa o humano e o animal nos relatos da protagonista, seja a violência patriarcal, cometida pelo pai e pelo marido, seja a vivenciada em seus sonhos. Neles, Yeonghye mostra que o consumo de carne é quase tão ruim quanto sua produção, já que ela sente que “todas essas vidas estão entaladas aqui [nela]” (Kang, 2018, p. 50) e que “sangue e carne foram digeridos e se espalham por todos os cantos do [s]eu corpo; os resíduos foram colocados para fora, mas as vidas insistem em obstruir o plexo solar” (Kang, 2018, p. 50). A empatia sentida pela protagonista rompe fatalmente essa camada, e ela, que já assimila toda a dor empregada na produção e consumo da carne por meio de seus sonhos, precisa sentir-se fisicamente como um pedaço de carne, colocando-se no lugar do animal, do não humano. Assim, como reação às tentativas brutais de seu pai de fazê-la comer a carne, corta seus próprios pulsos.

A ideia é de que a incorporação do que é considerado “o outro” pelo sujeito humano pode ser vista como uma forma de reconhecer que, nessa alterização, sempre houve algum tipo de pertencimento ou conexão dentro da subjetividade humana, mesmo que tenha sido inicialmente identificado como algo separado, como explica Packham:

De fato, à medida que o ato de ‘alterização’ serve para consolidar os sentidos da subjetividade humana — gerando e rejeitando o ‘não-eu’ pelo qual o ‘eu’ pode ser conhecido — então, ao examinar os atos de incorporação, podemos ver uma literalização da metáfora: à medida que o Outro não humano é consumido e, assim, internalizado pelo sujeito humano, o Outro é devolvido a um espaço interior ao qual ele, desde que esteja desempenhando a ‘alteridade’, sempre pertenceu.⁴ (2019, p. 83, tradução nossa)

O controle (ou a falta dele) é um elemento constante nesse capítulo. O corpo da protagonista é um depósito das expectativas socioculturais, e sua subversão e definhamento ao longo do capítulo desperta nos outros aversão e associação de suas mudanças à loucura, o que leva à necessidade de um violento controle, para que assim ela possa retornar ao socialmente aceito. O natural é imprevisível, e isso é inaceitável ao homem. Assim, quando Yeonghye assume um papel que a conecta à natureza, e pensando ainda que ela se torna um ser monstruoso e vilanesco por subverter as normas sociais, ela passa a ser um desafio para os que a rodeiam. Para Estok (2019), a aversão ao inesperado e incontrolável é uma máxima ecofóbica, de modo que a natureza se torna um objeto detestável, imoral, a coisa temida que seria trágica sem a manipulação e contenção adequadas.

⁴ No original: Indeed, as Othering serves to consolidate senses of human subjectivity — generating and abjecting the ‘not-me’ by which the ‘me’ can be know — then by looking to acts of incorporation we might see a literalising of the metaphor: as the nonhuman Other is consumed and thereby internalised by the human subject, the Other is returned into an interior space to which it, so long as it is performing ‘Otherness’, has always already belonged.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Horrores vegetais

"Despite the absolute difference of humans and plants, lines starkly drawn in the Western philosophical tradition, there sometimes glimmers into view the unsettling sense that maybe we are also like plants."

— DAWN KEETLEY

A partir do segundo capítulo, temos um início do outro extremo da incorporação da natureza, um ainda mais incontrollável, quando a personagem passa a se identificar fortemente com a presença vegetal. Em "A mancha mongólica", capítulo narrado em terceira pessoa sobre o ponto de vista do cunhado da protagonista, Yeonghye se depara com as possibilidades vegetais quando seu cunhado a convida para participar de uma obra de arte. A proposta se resumia em pintar seu corpo todo com flores e folhas a partir de sua mancha mongólica⁵, ainda presente na vida adulta, e ela se vê extremamente atraída pela sua representação em plantas e percebe uma forma de não viver a violência anterior novamente. Ela diz: "Desde que você fez os desenhos, não tenho mais pesadelos" (Kang, 2018, p. 93) e pede para que ele refaça os desenhos sempre que eles saem. A violência empregada à protagonista nesse capítulo é sexual e diz da objetificação de seu corpo. Considerando que nossa leitura é de que seu corpo é uma metáfora para o meio natural, concordamos com Parker (2016) quando ela sugere que o homem olha para o meio vegetal como um objeto passivo e útil para exploração:

Por um lado, as plantas são vistas como algo totalmente mundano. São objetos subvalorizados que existem apenas para servir à humanidade (nos alimentam, fornecem decoração estética e, é claro, nos permitem respirar). Elas são consideradas inteiramente inanimadas e completamente desprovidas de qualquer sensibilidade ou agência.⁶ (p. 215)

Um ponto importante a se retomar é a relação violência-natureza-mulher. Assim como no primeiro capítulo, aqui, os homens escolhem por Yeonghye, ela é antagonizada e, mesmo que seu cunhado esteja atento a sua nova atração pelo mundo natural, ele somente usa os desejos da protagonista para garantir que suas próprias vontades sejam saciadas. Entendemos, desde o início do seu processo artístico, que ele não a enxerga como humana: "[...] ele percebeu que, inesperadamente, aquilo não tinha nada de erótico; estava mais para

⁵ Alteração benigna na pele de recém-nascidos, a mancha azul acinzentada é um acúmulo de melanócitos em determinada região (geralmente nas nádegas) muito frequente na população asiática.

⁶ No original: "On one hand, plants are viewed as utterly mundane. They are undervalued objects which exist only to serve humankind (they feed us, they provide aesthetic decoration, and, of course, they enable us to breathe). They are seen as entirely inanimate and wholly devoid of any sentience or agency."

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

algo relativo ao vegetal” (Kang, 2018, p. 81). E, em: “gostaria de devorar você, derreter e fazer você correr pelas minhas veias” (Kang, 2018, p. 110), como se ela fosse também um alimento, um pedaço de carne ou, como ele mesmo atesta, um vegetal. O que confirma nossa hipótese ecogótica da incorporação da natureza resultando na sua exploração ou aversão.

O mencionado alívio sentido pela protagonista quando coberta de flores de tinta se transforma em um desejo no terceiro capítulo, “Árvores em chamas”, sob o ponto de vista de sua irmã. Em sua segunda internação em um hospital psiquiátrico, Yeonghye tem sua maior desfiguração psíquica e corporal. Ela já não se alimenta mais, apenas ingere água e tenta tomar sol nua constantemente, como uma forma de fotossíntese. Aqui, vemos seu desejo por uma transformação, metamorfoseante, em uma árvore propriamente dita. Ela inclusive passa algum tempo de cabeça para baixo em uma tentativa de se plantar na terra com suas mãos como raízes. Seu corpo em definhamento somado aos seus desejos vegetais a transforma em um ser monstruoso, um Outro que não condiz com a vivência humana, como um monstro vegetal. Há mais violência de contenção do seu corpo, que se torna repulsivo. Sua representação deturpada e monstruosa é uma máxima ecogótica, e diz da relação com o outro, e nesse caso com a natureza, como observado a seguir:

Os textos ecogóticos invocam, portanto, esse Outro como um mundo natural perturbado e perturbador, no qual as fronteiras tradicionais entre o humano e o não humano se tornam turvas de maneiras grotescas por meio de atrocidades humanas e processos biológicos amorais.⁷ (Keetley, Sivils, 2018, p. 11, tradução nossa)

De acordo com Dawn Keetley (2016), há uma ambivalência da representação vegetal: como um refúgio e como um ser monstruoso e vilanizado, à margem da sociedade. Em ambas, as plantas são “o outro absoluto”, ocupando uma margem de obscuridade e alteridade completa. Essa representação dualista se mostra nos últimos dois capítulos, com o definhamento grotesco do corpo da protagonista, e como um local de refúgio contra a violência, tanto para ela quanto para sua irmã, Inhye. As plantas são uma fonte de medo para os humanos desde a Antiguidade, já que demonstram um crescimento descabido, um silêncio inescrutável e um estranhamento implacável (Keetley, 2016). Na tradição anglo-saxã, por exemplo, o Green Knight do poema *Sir Gawain*, possui uma vitalidade regenerativa, já que ele é capaz de sobreviver mesmo após ter a cabeça decepada, o que inspira “medo” e revela o poder aterrorizante da vida vegetal em engolfar e superar os humanos. Assim, a autora atesta que o horror vegetal surge da irrupção do que é reprimido ou oprimido em nossa civilização,

⁷ No original: “Ecogothic texts thus invoke this Other as a disturbed and disturbing natural world, one in which traditional boundaries between the human and the nonhuman become blurred in grotesque ways by human atrocities and amoral biological processes.”

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

sendo que um desses elementos reprimidos pode ser a violência direcionada às plantas e aos seres humanos, ou seja, a retomada do inconsciente ambiental (Keetley, 2016).

Em um estudo sobre a presença das plantas na literatura, McHugh (2021) sugere que essa narrativa “figura ironicamente a violência vegetal, por meio do sofrimento silencioso de personagens humanos que são vitimizados por ser vegetarianos ou veganos” (p. 6, tradução nossa). Além disso, a autora aponta para uma tendência de vilanizar personagens femininas que demonstram algum tipo de conexão com a natureza (geralmente, uma conexão que rompe com os costumes sociais) mediante sofrimento silencioso, o que é uma forma de demonizar o desejo feminino. O que corrobora para a correlação entre a loucura — característica comum na antagonização feminina da tradição gótica⁸ — e a presença do mundo natural. Para Estok:

Associações do Outro perturbado e da loucura com a monstrosidade e a natureza ameaçadora são talvez tão antigas quanto a ética e o exercício da ecofobia. Certamente, vemos associações na imaginação popular entre monstrosidade e loucura num primeiro período moderno, mostrando como os medos relacionados a loucura representam uma preocupação maior com a intrusão do mundo natural indomesticado nos espaços controlados da civilização humana.⁹ (2019, p. 43, tradução nossa)

Por fim, para Yeonghye, não há escapatória dos ciclos de violência, afinal, as violências são cotidianas, os controles são sociais e a subversão é associada à loucura. Tal conjunto de fatores a leva ao extremo da conexão pacífica com a natureza: morrer em árvore (García, Busta, 2023), um desejo que também lhe parece ser sempre negado: “E por que não posso morrer?” (Kang, 2018, p. 148). De acordo com García e Busta (2023), a morte ao se transformar em árvore também simboliza o abandono de sua inocência e inação, já que a obra aborda a relação entre as espécies e destaca a capacidade dos seres vivos, incluindo as árvores, de reagir e de se adaptar rebeldemente ao ambiente e aos seus estressores. Mas a morte vegetal também representa a capacidade de não ser mais ela mesma, de não ser parte de uma espécie tão brutal e incompreensível: “[...] Não vai demorar muito e deixarei de falar, de pensar... Falta pouco...” (Kang, 2018, p. 146).

⁸ Como vemos em *Jane Eyre*, de Charlotte Brönte, Bertha é antagonizada e vilanizada depois de ser considerada louca por seu marido. Bertha representa as mulheres não europeias, as mulheres que não corresponderia aos padrões femininos impostos pela sociedade, sendo assim, considerada insana.

⁹ No original: “Associations of the disturbed Other and madness with monstrosity and threatening nature is perhaps as old as the ethics and exercise of ecophobia. Certainly, we see associations in the popular imagination between monstrosity and madness in the early modern period, showing how fears about madness represent a larger concern about the intrusion of the undomesticated natural world into the controlled spaces of human civilization.”

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Considerações finais

Das diversas camadas de leitura que o romance *A vegetariana* nos apresenta, escolhemos analisar, no presente trabalho, as obscuridades nas relações entre humanos e não humanos a partir da representação da natureza incorporada por Yeonghye. Para tal empreitada, mobilizamos alguns elementos da lente crítica ecogótica, que une as leituras da tradição gótica às da corrente ecocrítica. São elementos do medo que vão ao encontro das críticas ecológicas, das aversões ambientais e do despertar humano para suas ações perante a natureza. Nessa leitura, buscamos evidenciar como a protagonista do romance simboliza a natureza em crise, um retorno de um trauma ou de um inconsciente ambiental — retomada tão característica do gótico — em que ela se vê aprisionada em ciclos de violência infundáveis que a conduzem a uma escapatória inusitada, a morte como árvore.

Em entrevista a *World Literature Today*, Han Kang exprime sua opinião sobre a constante da violência no romance:

A violência faz parte do ser humano, e como posso eu aceitar que sou um desses seres humanos? Esse tipo de sofrimento sempre me assombra. Sim, também acho que minha preocupação se estende à violência que prevalece na vida cotidiana. Comer carne, cozinhar carne, todas essas atividades diárias incorporam uma violência que foi normalizada.¹⁰ (Kang, 2016, p. 64, tradução nossa)

Observamos que essa violência cotidiana ligada aos processos da cadeia alimentícia, como a produção de carne, leva a protagonista a identificação gradual e metamorfoseante com o que ela come. Em um primeiro momento, com sua decisão de parar de se alimentar de produtos de origem animal, observamos que sua empatia para com os animais lhe acarreta um rompimento com a socialmente aceita diferença entre o humano e o animal. Em seus sonhos, não conseguimos identificar onde está a linha que os separa, e portanto, quem pode ser assassinado, quem é o assassino, e de quem ela pode se alimentar. Esse grotesco é aparentemente trazido para o mundo real, quando até mesmo seu marido tem cheiro de carne, ou quando ela se corta como um pedaço de carne na frente de seus familiares. Aqui, foram mobilizados os horrores vegetarianos como parte da crítica ecogótica, demonstrando que a relação humano-carne é explorada desde os princípios da tradição gótica.

¹⁰ No original: "Violence is part of being human, and how can I accept that I am one of those human beings? That this kind of suffering always haunts me. Yes. I also think my preoccupation extends to the violence that prevails in daily life. Eating meat, cooking meat, all these daily activities embody a violence that has been normalized."

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Tornar-se vegetariana não é o suficiente para acalmar sua dor — e como vimos, nada é. Há uma impossibilidade humana de não-violência, comprovada pela relação alimentar que, como no caso da Coreia do Sul, é baseada em mortes animais constantes. Nos últimos dois capítulos, Yeonghye passa a se identificar com o mundo vegetal — novamente, tornando-se o que ela come — e a querer se tornar uma árvore. As plantas estão no oposto, elas são o outro total, algo que não parece remotamente humano, o que pode se tornar um refúgio, portanto, não violento. Por outro lado, as plantas são adaptáveis aos seus estressores, são incontrolláveis e vingativas. Ambas as possibilidades constituem os motivos pelos quais as plantas causam medo desde a Antiguidade. A alteridade total de um ser é vista como perigosa, levando os humanos a uma tentativa de controle da hierarquia de poder que mantém nas suas relações. Aqui, também demonstramos como a associação da mulher com a natureza corresponde a uma forma de independência perigosa ao patriarcado. Assim como na tradição gótica, essa subversão feminina é considerada uma forma de loucura.

Procuramos evidenciar que essas ações contra a natureza (nesse caso, contra o símbolo da natureza que é Yeonghye) são ecofóbicas, termo intrínseco ao ecogótico. De acordo com Estok (2009), visões de controle, violência, aversão e superioridade perante o não humano atestam a fobia contra o meio ambiente e o ecológico. Sendo assim, o romance nos permite leituras das diversas camadas de violência cotidianas a partir do retorno do velado — nesse caso, do inconsciente ambiental —, além das relações de poder que vão além do antropocentrismo, como o patriarcado e suas diversas formas de controle físico e psicológico sobre a mulher, como a associação da subversão ou independência femininas com a loucura.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Referências

- COSTA, Luísa. Conheça Han Kang, premiada autora sul-coreana que exala sensibilidade. **Veja**, 27 nov. 2018. Disponível em: veja.abril.com.br/coluna/meus-livros/conheca-han-kang-premiada-autora-sul-coreana-que-exala-sensibilidade. Acesso em: 24 nov. 2025.
- DECKARD, Sharae. Ecogothic. **Twenty-First-Century Gothic**, pp. 174-188, 31 ago. 2019. Edinburgh University Press. Disponível em: dx.doi.org/10.3366/edinburgh/9781474440929.003.0013. Acesso em: 24 nov. 2025.
- ESTOK, S. C. Theorizing in a Space of Ambivalent Openness: ecocriticism and ecophobia. **Interdisciplinary Studies in Literature and Environment**, v. 16, n. 2, pp. 203-225, 1 abr. 2009. Oxford University Press (OUP). Disponível em: dx.doi.org/10.1093/isle/isp010. Acesso em: 24 nov. 2025.
- ESTOK, S. C. Theorizing the EcoGothic. **Gothic Nature: New Directions in Ecohorror and the EcoGothic**, United Kingdom, v. 1, n. 1, pp. 34-53, 14 set. 2019. Disponível em: gothicnaturejournal.com/wp-content/uploads/2019/09/Estok_34-53_Gothic-Nature-1_2019.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.
- KANG, Han. **A vegetariana**. Tradução de Jae Hyung Woo. São Paulo: Todavia, 2018.
- KANG, Han. The fruit of my woman. **Granta Magazine**. London, n. 133, 2016. Revista *online*, tradução de Deborah Smith. Disponível em: granta.com/the-fruit-of-my-woman/. Acesso em: 24 nov. 2025.
- KEETLEY, Dawn. Introduction: six theses on plant horror; or, why are plants horrifying? In: KEETLEY, Dawn; TENGA, Angela. **Plant Horror: Approaches to the Monstrous Vegetal in Fiction and Film**. London: Macmillan Publishers Ltd., 2016, pp. 1-30.
- KEETLEY, Dawn; SIVILS, Matthew Wynn. Introduction: approaches to the ecogothic. In: KEETLEY, Dawn; SIVILS, Matthew Wynn. **Ecogothic in Nineteenth-Century American Literature**. New York: Routledge, 2018, pp. 1-20.
- LEE, Krys. Violence and Being Human: a conversation with Han Kang. **World Literature Today**, Norman, v. 90, n. 3, pp. 61-67, set. 2016. Disponível em: doi.org/10.7588/worllitetoda.90.3-4.0061. Acesso em: 24 nov. 2025.
- MCHUGH, Susan. Plants and Literature. **Oxford Research Encyclopedia of Literature**, 31 ago. 2021. Oxford University Press. Disponível em: dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.1267. Acesso em: 24 nov. 2025.
- PACKHAM, Jimmy. Children of the Quorn: the vegetarian, raw, and the horrors of vegetarianism. **Gothic Nature: New Directions in Ecohorror and the EcoGothic**. United Kingdom, v. 1, n. 1, pp. 78-102, 2019. Disponível em: gothicnaturejournal.com/wp-content/uploads/2019/09/Packham_78-102_Gothic-Nature-1_2019.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

PARKER, Elizabeth. "Just a Piece of Wood": jan Švankmajers otesánek and the ecogothic. **Plant Horror**, pp. 215-225, 2016. Palgrave Macmillan UK. Disponível em: [dx.doi.org/10.1057/978-1-137-57063-5_12](https://doi.org/10.1057/978-1-137-57063-5_12). Acesso em: 24 nov. 2025

SMITH, Andrew; HUGHES, William. Introduction: defining the ecogothic. In: SMITH, Andrew; HUGHES, William. **Ecogothic**. Manchester: Manchester University Press, 2013, pp. 1-14.

Recebido em: 29/05/2026

Aceito em: 08/06/2026

Publicado em: 14/07/2026

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

BECOMING WHAT ONE EATS: AN ECOGOTHIC READING OF *THE VEGETARIAN* BY HAN KANG

Ana Clara Santos Barboza

Universidade Federal de Alfenas

(ana.cs.barboza@hotmail.com)

ABSTRACT

In this paper, we propose an ecogothic reading of the novel *The vegetarian* (2018) by the South Korean writer Han Kang. The novel narrates the story of Yeonghye who, upon her decision to become vegetarian, witnesses her life transformed into a grotesque nightmare while trying to disentangle herself from cycles of environmental and patriarchal violence. Drawing upon the intersection between Gothic tradition and ecocritical theories, our aim is to conduct an analysis and interpretation that begins with how the protagonist's incorporation of the non-human stems from the reclamation of the awareness regarding everyday human violence against other beings. Her psychological and physical changes in the face of the impossibility of a life free from suffering trigger, on those surrounding her, brutal attempts at controlling her body. Additionally, we seek to examine the character's antagonization and how this process is linked to her empathetic connection with nature.

Keywords: The vegetarian; Han Kang; Ecogothic; Ecocritics.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

CONVIRTIÉNDOSE EN LO QUE SE COME: UNA LECTURA ECOGÓTICA DE *LA VEGETARIANA*, DE HAN KANG

Ana Clara Santos Barboza

Universidade Federal de Alfenas

(ana.cs.barboza@hotmail.com)

RESUMEN

En este artículo, proponemos una lectura ecogótica de la novela *La vegetariana* (2018), de la escritora surcoreana Han Kang. La novela narra la historia de Yeonghye quien, a partir de su decisión de convertirse en vegetariana, ve su vida transformarse en una grotesca pesadilla mientras intenta desprenderse de ciclos de violencia ambientales y patriarcales. Basándonos en la intersección entre la tradición gótica y las teorías ecocríticas, proponemos un análisis y una interpretación que parten de cómo la incorporación de lo no humano por parte de la protagonista procede de la recuperación de una conciencia sobre la violencia humana cotidiana contra otros seres. Sus cambios psíquicos y físicos ante el sentimiento de imposibilidad de una existencia libre de sufrimiento desencadenan, en quienes la rodean, reacciones de brutales intentos de control sobre su cuerpo. También buscamos examinar la antagonización del personaje y cómo este proceso está asociado a su vínculo empático con la naturaleza.

Palabras clave: *La vegetariana*; Han Kang; Ecogótico; Ecocrítica.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about